

# A arte como refúgio poético ante a vertigem do tempo 24/7

DORIS KOSMINSKY

**A** modernização, trazida pelos trens, pela eletricidade e também pelos novos meios de comunicação como o telégrafo, o rádio e o cinema, contribuiu para a aceleração do tempo e sua contrapartida no espaço, a contração. Embora a ideia de um tempo subjetivo e descontínuo (Kairós) já estivesse presente no pensamento grego (onde o tempo quantitativo era chamado Cronos), foi apenas a partir da modernidade, na segunda metade do século XIX, que escritores e pensadores como Proust e Bergson começaram a refletir sobre outras percepções de tempo. Com o avanço da modernidade, o tempo instaurou-se como tema de discussão na vida e na arte.

As novas mídias digitais, presença ubíqua no capitalismo do século XXI, criaram o mundo da vida ininterrupta, do fluxo contínuo 24/7 preenchido por atividades e operações incessantes e, muitas das vezes, automáticas. A qualquer hora do dia ou da noite se produz e se consome informação. É na contramão desse mundo sem pausa, das novidades que surgem e desaparecem em velocidade vertiginosa e das relações e emoções cada vez mais efêmeras, que diversos artistas têm buscado criar obras que enfatizem formas de percepção mais lentas e meditativas. É esse o pano de fundo da exposição *Days of Endless Time* no Smithsonian Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, localizado em Washington D.C., onde doze artistas e um coletivo propõem diferentes estratégias para ensinar um refúgio poético ante a vertigem do tempo. São quatorze instalações, com obras em vídeo e mídias digitais que, embora utilizem-se da mesma tecnologia que materializa a aceleração temporal, conduzem ao espaço atemporal de uma pausa flutuante. Tal como a pausa temporal no conto de Jorge Luis Borges, *O milagre secreto*, ao qual alude o título da exposição. Na ficção de Borges, o escritor tcheco Jaromir Hladík obtém



Figura 1  
*L'écho* (2003), Su-Mei Tse



Figura 2  
*Travel* (1996-2013),  
David Claerbout

de Deus uma pausa no tempo, entre a ordem e a ação do pelotão de fuzilamento que irá matá-lo, para conseguir “urdir no tempo” o final da peça teatral que desejava escrever.

O sublime, a solidão e a pausa atemporal ecoam nas obras apresentadas em *Days of Endless Time*, através de relações construídas com a paisagem e/ou o emprego de tecnologias digitais. Já na primeira instalação esta percepção é clara. Em *L'écho* (2003), Su-Mei Tse, natural de Luxemburgo, apresenta-se em um vídeo, de costas para a câmera, tocando violoncelo. A performance da artista, que também é musicista, acontece sobre um enorme terreno gramado, tendo ao fundo uma impactante paisagem dos Alpes Suíços. O som do instrumento ecoa na imensa



3

parede de pedra, assim como na sala de exposição, instaurando um momento sublime e convidando à contemplação.

O sublime na natureza também se faz presente em *Travel* (1996-2013), do belga David Claerbout com música “anties-tresse” de Eric Breton. Trata-se do único vídeo da exposição para o qual o espectador é convidado a assistir desde o começo. O vídeo começa com a imagem de um banco de parque de onde parte em voo por um caminho entre arbustos, conduzindo à uma floresta europeia, seguida por uma selva de inspiração amazônica. Detalhes da paisagem são exibidos pela câmera olho que se permite exibir da copa das árvores mais altas ao córrego rasteiro. Ao afastar-se do estreito caminho entre as árvores, a câmera alça um voo de grande fôlego que nos surpreende com a visão de uma planície tomada por plantações, onde toda a exuberância da natureza parece ter estado contida em um pequeno grupamento de árvores. O voo da câmera sugere uma jornada solitária por uma paisagem que nos lembra lugares conhecidos, mas que de fato, não se trata de nenhum lugar em particular. Uma viagem por uma natureza que é ao

Figura 3  
*Horizontal* (2010), Eija-Liisa

mesmo tempo cotidiana e sublime, só tornada possível graças aos três anos de produção em computação gráfica.

A magnitude do gigantesco pinheiro mostrado na obra *Horizontal* (2010) da finlandesa Eija-Liisa Ahtila é outro exemplo sublime de paisagem obtida com auxílio da tecnologia. Para evitar distorções na perspectiva da imagem, a artista montou uma plataforma que lhe permitiu a captura em diversas alturas - da base da árvore aos seus galhos mais altos. A figura humana, ao lado do tronco, quase desaparece, obscurecida frente à grandeza da árvore. A projeção é distribuída por seis telas verticais que mostram o pinheiro horizontalmente, desafiando a noção cartesiana de um único ponto de vista ao mesmo tempo em que oferece uma paisagem impossível de ser observada na natureza.

A ideia de uma paisagem impossível também surge no vídeo *Cannot be Anything Against the Wind* (2010), mosaico composto por paisagens em diferentes velocidades e movimentos, filmadas em uma área de 60 quilômetros. O primeiro, o segundo plano e os planos intermediários movem-se em direções opostas, misturando-se na colagem dinâmica criada pelo grupo italiano Flatform. A trilha sonora reforça os movimentos, por vezes suaves, em outros momentos, bizarros, aumentando a estranheza diante do que parece ser um momento único da experiência. Sublime e solidão estão presentes na instalação *Nummer Negen (#9) The Day I Didn't Turn with the World* (2009) de Guido van der Werve, que também compôs a trilha sonora. A animação em *time-lapse* de fotos do artista holandês no Polo Norte documenta, em oito minutos e quarenta segundos, sua

Figura 4  
*Cannot be Anything Against the Wind* (2010), Flatform

4



5



exaustiva jornada ao longo das vinte e quatro horas em que permaneceu de pé – girando, a cada poucos segundos, de forma a acompanhar a rotação da Terra. A *performance* do artista, desafiando a solidão e a exaustão, dialoga com o movimento do sol e seu jogo de sombras sobre a paisagem polar, fazendo lembrar as aventuras dos grandes exploradores em condições limítrofes. Podemos sentir a inquietação do artista em seus pequenos gestos para manter-se em posição: o tempo natural de um dia condensado em poucos minutos de suspensão atemporal em meio a paisagem branca.

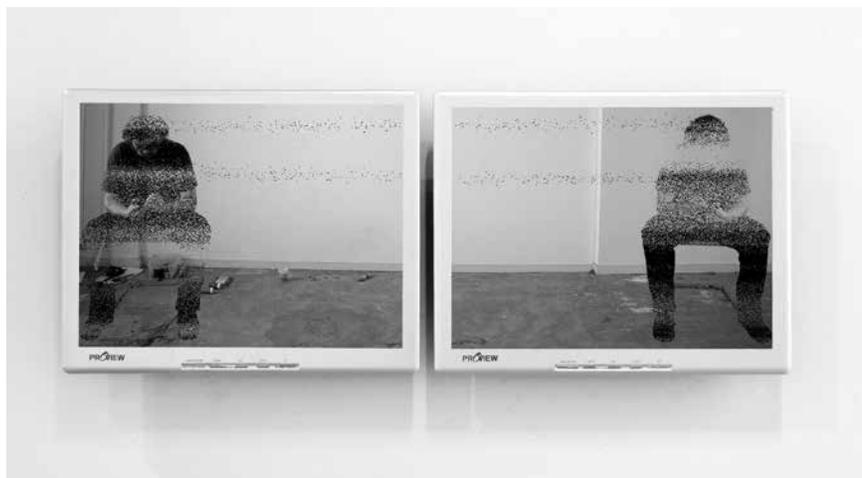
O corpo do artista é desafiado no espaço digital na obra *Neither There nor There* (2005) do artista americano Siebren Versteeg. O autorretrato, em que aparece curvado sobre seu telefone celular, é deslocado em um vai e vem ininterrupto entre duas pequenas telas. A imagem que se desintegra para, em seguida, ser reintegrada pixel a pixel, parece sugerir um artista que não pode ser encontrado na vida real, assim como também não se encontra no mundo virtual. Nem lá, nem cá. Uma espécie de ampulheta digital, onde o fluxo dos pixels parece criar uma lacuna no tempo de onde observamos o artista que se mostra dois, sem chegar a se configurar em nenhum.

A fusão entre dois diferentes tempos se apresenta no vídeo-retrato do artista e dramaturgo americano, Robert Wilson, *Lady Gaga: Mademoiselle Caroline Rivière d'Après Jean Auguste Dominique Ingres* (2013). Com música de Michael Galasso, o vídeo recria o quadro icônico do pintor Ingres com a participação da estrela pop. Passado e presente fundem-se na conexão

Figura 5  
*Nummer Negen (#9) The Day I Didn't Turn with the World* (2009), Guido van der Werve

Figura 6  
*Neither There nor There* (2005), Siebren Versteeg

6





*Figura 7*  
*Lady Gaga: Mademoiselle Caroline Rivière d'Après Jean Auguste Dominique Ingres (2013),*  
*Robert Wilson*

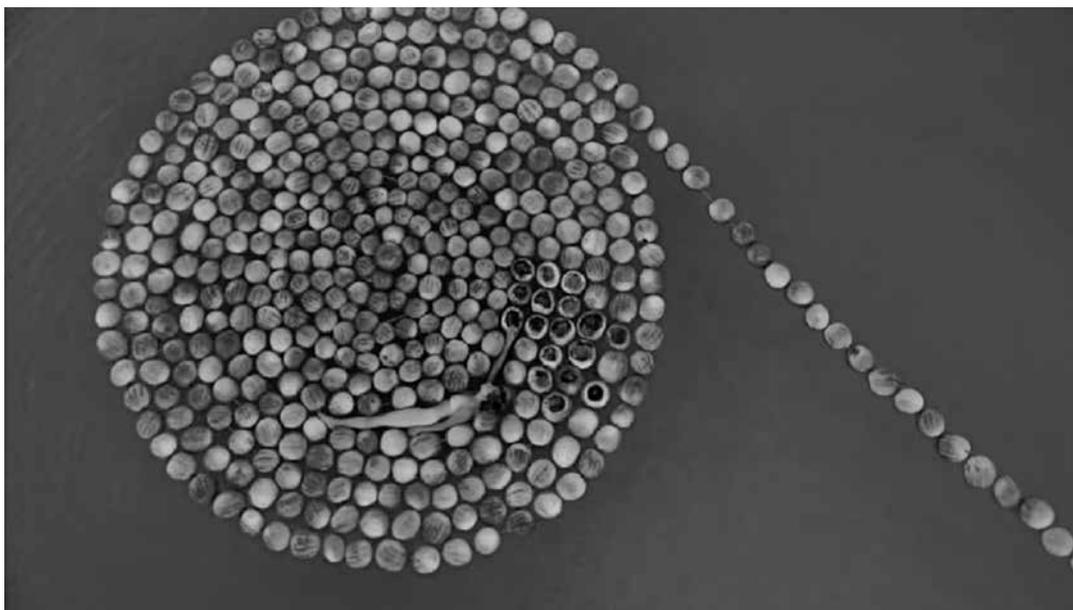
*Figuras 8 e 9*  
*Rocking Chair (2003),*  
*David Claerbout*



8



9



10

entre a *performance* contemporânea e a antiga prática do *tableau vivant*, ressaltando uma pausa atemporal, onde a fama efêmera é diluída. O extensivo uso da tecnologia digital se estende à segunda obra do artista David Claerbout na exposição. Em *Rocking Chair* (2003) vemos em uma enorme tela, a imagem de uma mulher pesadamente sentada sobre uma cadeira de balanço na varanda, à porta de casa. O sol ilumina seu corpo, mas o rosto permanece oculto pela sombra. Estaria ela cochilando ou disfarçadamente observando o observador que adentra a sala? De pés descalços, balança-se, marcando com o seu balançar, o ritmo de um tempo solitário. Ao caminhar em direção à saída da sala, o observador dá-se conta de outra projeção na parte de trás da tela. Deste outro ângulo, vê-se a mulher a partir de dentro da casa com uma paisagem ao fundo. O movimento do observador faz com que a mulher interrompa o seu balanço para movimentar o rosto, aproximando o ouvido como quem procura captar o ruído de passos no interior da casa / fundo da sala de exposição. O observador é surpreendido em seu movimento de saída e suspenso no tempo.

Tempo presente e tempo primordial chocam-se na espiral de melancias que flutua nas imagens de *DeadSee* (2005) da artista israelense Sigalit Landau. A câmera de vídeo, em movimento lento e vertical, descortina o corpo nu da *performer* em meio a 500 melancias, algumas das quais partidas ao

Figura 10  
*DeadSee* (2005), Sigalit Landau

meio, atadas em espiral. Na medida em que a câmera abre, a espiral se desenrola, evocando uma paradoxal tranquilidade em meio às implicações sociopolíticas relacionadas ao permanente conflito na região do Mar Morto. O vermelho das melancias laceradas parece suavemente se opor às conotações primordiais da espiral verde, trazendo movimento à sensação atemporal como a nos lembrar que há como escapar da corrida do tempo e de seus excessos.

Mais do que observadas, as obras da mostra *Days of Endless Time* podem ser experienciadas entre os dias 16 de outubro de 2014 e 12 de abril de 2015 no Smithsonian Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, em Washington D.C., Estados Unidos, como um refúgio poético onde podemos nos distanciar da vertigem do tempo. Ainda que seja por uma breve pausa.

## Referências

- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Editora Globo, 1999.
- CRARY, Jonathan. *24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono*. Tradução Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naif, p. 2014.144
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

Recebido em: 26/02/15

Aceito em: 09/04/15

DORIS KOSMINSKY

*doriskos@ufrj.br*

É doutora em Design e professora do curso de Comunicação Visual Design e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (Linha Poéticas Interdisciplinares - PPGAV) da Escola de Belas Artes da UFRJ onde coordena o Laboratório da Visualidade e Visualização - LabVis / EBA-UFRJ.